

A REDUÇÃO DE DITONGOS ORAIS DECRESCENTES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DO SUL DO BRASIL: DESCRIÇÃO E GENERALIZAÇÃO

Eduardo Elisalde TOLEDO*

Valéria Neto de Oliveira MONARETTO**

*ABSTRACT: This paper is concerned with the variable realization of oral falling diphthongs in the Brazilian Portuguese speech in the South Region. These sounds appear to suffer from a variable rule of monothongation that deletes the glides [j] and [w], as in *feira* ~ *fera* (fair); *baixo* ~ *baxo* (short); *louça* ~ *loça* (dish). The studies of Cabreira (1996) and Amaral (2005) using the framework of Labovian Quantitative Sociolinguistics point out linguistic and social conditions for the variable use of the diphthong. Based on these works, analytical strategies will be shown in order to postulate data generalization, as in Baley and Tillery (2004). The major goals of data generalization are reliability (the same results obtained in repeated observations of the same phenomenon) and intersubjectivity (the same phenomenon, even when observed by different researchers, would show the same results) to discover the real output value in the quantitative analysis.*

KEYWORDS: Falling Diphthongs; Brazilian Portuguese Speech; Data Generalization.

1. Introdução

Os ditongos orais decrescentes têm recebido atenção na literatura por seu caráter variável. Formas como *fera* por *feira*; *faxa* por *faixa*; *coro* por *couro* têm sido cada vez mais empregadas em todo o território brasileiro. Este trabalho tratará de examinar resultados obtidos sobre a monotongação de ditongos na fala do Sul do Brasil a fim de se verificar a generalidade de dados, no que diz respeito aos fatores lingüísticos e sociais intervenientes na regra variável de permanência ou não do *i* ou do *u* nesses grupos de sons.

Este artigo está organizado como segue. Inicialmente descrevemos brevemente o que são ditongos na perspectiva fonética e no tratamento dado na fonologia do português brasileiro. Em seguida, expomos alguns resultados de pesquisas variacionistas sobre a variação do ditongo, realizadas nos moldes labovianos, no País, apresentando dados obtidos sobre a monotongação. Comparamos, para efeito de generalização de dados, as pesquisas de Cabreira (1996) e de Amaral (2005) e, por fim, apresentamos nossas conclusões a respeito.

2. Ditongos: breve descrição fonética e fonológica

Ditongo, segundo Crystal (1985, p. 87), é um termo usado na classificação de sons vocálicos com base em seu modo de articulação. É formado por dois elementos articulatórios contíguos que mudam de ordem conforme o tipo de ditongo: uma vogal e uma semivogal ou uma semiconsoante, chamadas também de *glide*¹. Os *glides* são realizados do mesmo modo que as vogais, porém, na relação com a vogal adjacente, são menos proeminentes. Geralmente são articulados à semelhança das vogais altas “i” e “u”, mas podem também ser realizados

* Mestrando; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

** Doutor; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

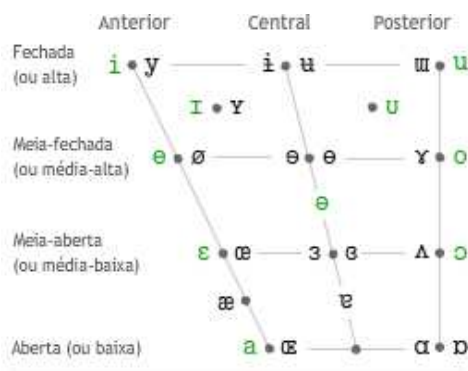
¹ *Glide* é o termo usado em inglês para um dos dois sons que compõe um ditongo. Como não são nem consoantes nem vogais, normalmente recebem essa denominação também em português. Neste artigo, optamos por utilizar o termo em inglês.

como vogais centrais em alguns dialetos, como no inglês americano dos Estados do Golfo, nas formas *bid* e *sit*, por exemplo (SLOAT, 1978).

Quando há uma mudança perceptível na qualidade da vogal durante a sílaba, considera-se que há um ditongo; quando não há nenhuma mudança, há um monotongo. Os ditongos são geralmente classificados em termos fonéticos.

Em termos fonéticos, os ditongos caracterizam-se (CAGLIARI, 2007):

- a) articulatoriamente, pela mudança, na duração de uma vogal, da trajetória da língua, que inicialmente se localiza em um determinado ponto da cavidade oral e em seguida move-se para uma posição distinta nesse mesmo ambiente. Para a articulação do ditongo [ej], em *feira*, por exemplo, a língua inicia na posição anterior média-alta, para produzir o [e], recuando e subindo para assumir a posição final da aproximante anterior alta [j]. Este movimento de deslocamento pode ser visualizado com base na disposição das vogais quanto à altura e à anterioridade, conforme quadro abaixo².



Quadro 1. Quadro de Vogais

- b) acusticamente, pela mudança de qualidade percebida pelo falante entre o estágio inicial e o estágio final de duração de uma vogal. Podemos observar essa mudança sutil e contínua na Figura 1, na qual podemos visualizar as ondas sonoras produzidas pela emissão do ditongo [ej]³.

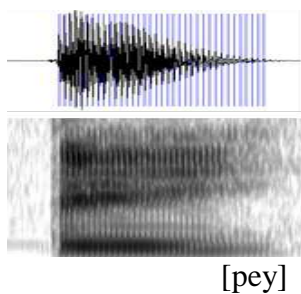


Figura 1 – Espectrograma de um Ditongo

² Os símbolos utilizados no Quadro 1 de Vogais para os *glides* são [I U]. Normalmente, em transcrições fonéticas, são transcritos com um diacrítico abaixo da vogal para marcar a não proeminência articulatória. Optamos por representá-los por [j] e [w].

³ Quadro de vogais e espectrograma extraídos do *site* http://www.cefala.org/fonologia/acustica_vogais.php .

Os ditongos classificam-se quanto à ordem de realização dos dois elementos como crescentes, quando o *glide* antecede a vogal, como em *pia*, *série*, *diário*, etc, e como decrescentes, quando a uma vogal segue-se um *glide*, como em *cai*, *leite*, *mau*, *meu*, etc.

Quando se situa a discussão dos ditongos no campo da fonologia, duas questões emergem de forma imediata: (i) o que são os elementos que não ocupam a posição nuclear em uma sílaba vogais ou glides? e (ii) qual a explicação fonológica para a distribuição assimétrica da variação entre os ditongos decrescentes no Português Brasileiro (PB)?

Inicialmente, apresentamos brevemente a abordagem descritiva de Câmara Jr. (1970) para os ditongos decrescentes, a partir de uma reflexão sobre os padrões silábicos do PB. Em seguida, nos debruçamos sobre a proposta de Bisol (1994) para responder à questão (ii), que os distribui em duas classes, *leves* e *pesados*, e que se refere à existência ou não de um glide na representação subjacente dos ditongos decrescentes.

Um dos grandes problemas com que se depara o linguista no momento de propor uma descrição fonológica para os ditongos é o de definir qual é o estatuto dos glides [j] e [w], vogal ou consoante? Foneticamente, esses sons apresentam características de ambas categorias, daí serem nomeados, por alguns estudiosos, como semivogal ou semiconsoante, mas, para a fonologia, a questão se torna mais complexa quando começamos a discutir, por exemplo, os padrões silábicos característicos do PB. Uma questão que surge de forma imediata é a seguinte: qual é a sua posição dentro da sílaba? Forma núcleo junto com a vogal, ou ocupa a margem (ou coda) da sílaba? Como podemos ver, a decisão em definir se o *glide* do ditongo é uma vogal ou uma consoante implica diretamente no modo como a estrutura interna da sílaba será representada.

Segundo Câmara Jr. (1970, p.55), os ditongos apresentam o padrão silábico VV. Assim, por exemplo, em *leite* temos, em termos de representação fonológica, a estrutura exposta na Figura 2.

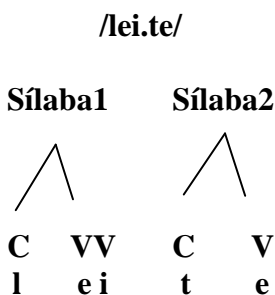


Figura 2 - Representação Silábica da Palavra *leite*

Para o autor, os *glides* dos ditongos são, fonologicamente, vogais em posição periférica dentro da sílaba, mas que ainda pertencem ao núcleo da mesma (Câmara Jr. Op. cit, 1970, p. 45). Para corroborar sua argumentação, Câmara Jr. nos apresenta o caso do /r/ brando que segue os ditongos em algumas palavras (por exemplo, *feira*, *européu*): esse segmento só ocorre, em PB, entre vogais, como *era*, *caro*. Já em casos em que o contexto fonético que precede o /r/ é um segmento consonantal, sempre teremos um /r/ forte, como em *Israel*, *honra*.

Com base na fonologia não-linear, Bisol (1994), propõe a seguinte classificação para os ditongos decrescentes:

- a) leves ou falsos;
- b) pesados ou verdadeiros.

Ditongos leves são aqueles que apresentam comportamento variável em PB, podendo apresentar a forma reduzida com apagamento do *glide* (*feira* ~ *fera*). Em termos de padrão silábico, apresentam uma rima simples, ou seja, não ramificada em sua representação subjacente, conforme ilustra a Figura 3.

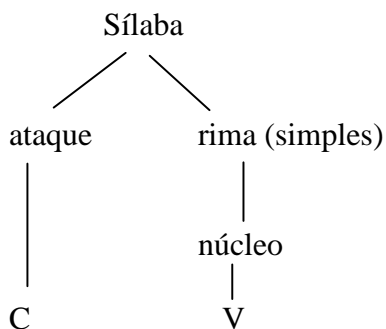


Figura 3 – Ditongo Leve (falso)

Por influência do contexto fonético seguinte (tepe, em *feira*, e fricativo palato-alveolar, em *beijo*, *caixa*) esses segmentos podem sofrer ditongação. Em outras palavras, não temos nesse caso um ditongo na estrutura profunda, mas apenas um monotongo que, na estrutura superficial, comporta-se variavelmente como ditongo, como podemos ver na Figura 4 da palavra *peixe*, em que o ditongo ocupa apenas uma posição V (cf. Bisol, 1994, p. 132).

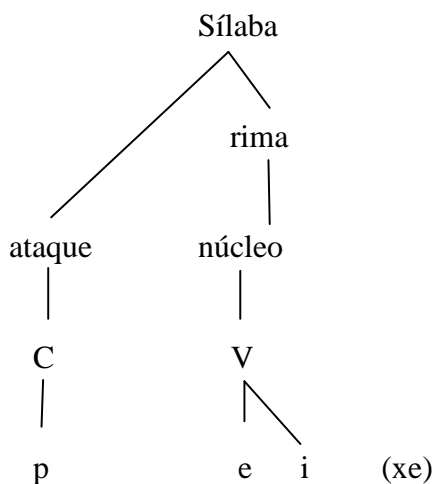


Figura 4 – Representação de *peixe* com Ditongo Leve (falso)

Para os casos em que o ditongo é pesado (ou verdadeiro), como em *pauta*, *leite*, *cauda*, estamos diante de uma rima ramificada, em que o glide é, na representação profunda, uma vogal que ocupa a posição do núcleo junto com a outra vogal, conforme a Figura 5 (BISOL, 1994, p.132).

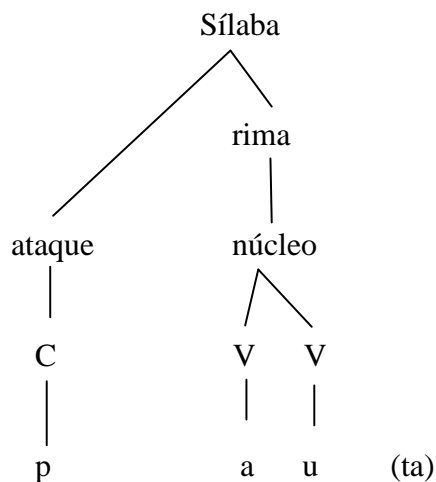


Figura 5 – Representação de *pauta* com Ditongo Pesado (verdadeiro)

Retomando as principais idéias expostas acima, em uma palavra como *leite*, temos, nas propostas de Câmara Jr. (1970) e de Bisol (1994), o *glide* do ditongo representado como V, e expresso pelo padrão silábico /CVV.CV/. Bisol, no entanto, diferencia, a estrutura subjacente de um ditongo com a de superfície, ao considerar o verdadeiro ditongo aquele em que há dois V ocupando o núcleo de um sílaba, ao contrário do falso ditongo, em que há dois sons (vogal e glide) em um único V, ligado ao núcleo. Assim, em um ditongo como [aw], como em *pauta*, por exemplo, a monotongação não se aplicaria por não ser possível modificar um núcleo ramificado com dois V subjacentes. Já no ditongo [ej], em *peixe*, por exemplo, o ditongo, por ser leve, e, portanto, fonético, é desfeito já que a estrutura do ditongo é formada por dois sons ligados a um só V subjacente.

3. Caráter variável dos ditongos no Português Brasileiro

No caso de ditongos decrescentes do português brasileiro, temos sempre uma vogal seguida por um glide ([j], glide palatal ou [w], glide labiovelar). Assim, temos as seguintes combinações para a formação de ditongos decrescentes:

(1) Ditongos Orais Decrescentes do Português Brasileiro

Vogal + [y]

- [ay] - cai
- [ey] - leite
- [oy] - foi
- [Oy] - dói

Vogal + [w]

- [aw] - mau
- [ew] - meu
- [ow] - sou
- [Ew] - céu

Esses ditongos podem sofrer a aplicação de uma regra variável de redução ou monotongação, como nos exemplos abaixo,

(2) Monotongação de Ditongo

- [ej] > [e] : feira > fera
- [ow] > [o]: casou > caso

Assim, em palavras como *feira*, *caixa* e *couro*, podemos ter a aplicação da regra variável de apagamento dos *glides* palatal [j] e labiovelar [w], respectivamente, *fera*, *caxa* e *coro*.

3.1. Estudos variacionistas

Os ditongos decrescentes orais, por seu caráter variável, têm sido alvo de estudo de diferentes autores em diversas regiões do Brasil. Apresentaremos resumidamente um recorte panorâmico de alguns estudos para, em seguida, nos determos nos estudos que descrevem a aplicação dessa regra variável na Região Sul do País, com o intuito de abordar a questão de generalização de dados.

Pereira (2004) analisou a monotogação dos ditongos /ay/, /ey/ e /ow/ na comunidade de falantes de Tubarão (SC). A autora restringiu sua análise ao contexto de sílabas tônicas e pretônicas. Seu corpus pertencia a diferentes contextos de fala (entrevista, telenovelas, publicidade, textos escritos). Para os *corpora* de entrevistas orais, utilizou-se do banco de dados PROCOTEXTOS/UNISUL. Seus resultados apontaram como os fatores mais relevantes para a aplicação da regra variável de redução: (i) contexto fonológico posterior (tepe e palatal); (ii) escolaridade (maior grau); e sexo (homens).

Carvalho (2007) analisou o comportamento variável dos ditongos /ay/, /ey/, /oy/, /aw/, /ew/ e /ow/ na comunidade de Recife. Como estratégia analítica, separou os ditongos com glide /y/ daqueles com glide /w/. O corpus foi constituído por duas fontes, listagem de palavras e leitura de texto. Seu estudo apresentou os seguintes fatores favorecendo a regra variável: (i) contexto fonológico precedente (vogal posterior); (ii) contexto fonológico seguinte (ditongos com glide /y/: tepe e palatais; ditongos com glide /w/: fricativas labiais e tepe); e (iii) tonicidade (sílabas tônicas). As variáveis sociais não parecem influenciar a regra de variação.

Amorim estudou a monotogação em Feira Nova (PE). Sua pesquisa estendeu-se aos ditongos crescentes e nasais. Em seu trabalho, tomou como corpus o questionário extraído do projeto ALIB (Atlas Linguístico do Brasil- Questionários, 2001), que contava com 24 palavras com ditongos. Os resultados demonstraram as seguintes variáveis independentes como favorecedoras: (i) contexto fonético (para /ey/, os contextos posteriores r, g, sh, zh, a; para /ow/, r e v; para /ej/ nasal, final de palavra, para /ay/, sh); (ii) extensão da palavra (maior número de sílabas); escolaridade (menor grau); sexo (homens); e idade (mais jovens).

Lopes (2002) investigou a regra de redução dos ditongos /ow/ e /ey/ na comunidade de Altamira (PA). Para a autora, a regra de monotogação de /ow/ apresentou números categóricos, enquanto no caso de /ey/, houve dois fatores favorecendo a regra: (i) localização do ditongo na estrutura morfológica da palavra (base); e (ii) contexto fonético seguinte (tepe e palatais). O único fator social que se demonstrou relevante para essa análise foi a escolaridade (não-escolaridade, tanto para /ow/ quanto para /ey/).

Aragão (2000) analisou a regra de monotogação na comunidade de Fortaleza (CE). Seu corpus era oriundo do projeto “Dialeto Sociais Cearenses”. Seus dados apontaram os seguintes fatores como favorecedores: (i) contexto posterior (palatais e tepe); (ii) extensão da palavra (maior número de sílabas); e (iii) escolaridade (menor grau).

Araújo (1999) observou o comportamento variável do ditongo /ey/ na comunidade de Caxias (MA). Foram feitas entrevistas, nos moldes labovianos, para a obtenção dos dados. Para confirmação da hipótese sobre o tipo de difusão da mudança da regra de redução, a autora separou os dados variáveis dos dados categóricos para analisar se as palavras ocorriam nessas duas categorias ou se restringiam a apenas uma delas. Quanto à questão do

espraiamento da mudança, os dados apontaram indícios tanto para a difusão lexical quando para a mudança neogramática (regra fonética). Como fatores que favorecem a regra de redução, os resultados foram os seguintes: (i) contexto seguinte (tepe, palatais, vogal /a/, nasal alveolar /n/, velar vozeada /g/); (ii) velocidade de fala (rápida); (iii) tonicidade da sílaba (sílabas tônicas); e (iv) idade dos informantes (mais velhos).

3.1.1. No português do Sul do Brasil

O português falado no Sul do Brasil têm sido descrito pelo banco de dados do Projeto VARSUL, que é constituído de falantes representativos étnico-culturalmente, provenientes dos três estados da Região Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná)⁴. Especificamente, em relação aos ditongos decrescentes orais, não há tantas descrições.

Em um caráter mais restrito, em termos de contextos para a regra variável, podemos citar o estudo de Brescancini (2009), que investigou a monotongação dos ditongos decrescentes seguidos por fricativa em *coda*, na comunidade de Florianópolis. Foram utilizadas 48 entrevistas do VARSUL. Os resultados apontaram como variáveis relevantes para a aplicação da regra de redução: (i) papel morfológico (flexão verbal); e (ii) sexo (feminino). Para a autora, a redução é um processo condicionado lexicalmente (em palavras como, *mais*, *depois* e *seis*) mas que ainda apresenta resíduos de condicionamento estrutural (papel morfológico); também, não há uma relação entre redução e prestígio para os falantes da comunidade.

Podemos citar também o trabalho de Tasca (2005) sobre a ditongação no contexto de sílaba final travada por /S/. Entretanto não nos deteremos em explicitar seus resultados por seu trabalho não tratar de apagamento de *glide*, assunto de interesse desse artigo.

Até o presente, há quatro trabalhos realizados, em termos de estudo de regra variável, sobre ditongo oral decrescente, com dados do VARSUL: Bisol (1994), Cabreira (1994), Cabreira (1996) e Amaral (2005). As cidades da amostra trabalhadas foram as três capitais dos três estados (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba) e três cidades do Rio Grande do Sul (São Borja, Panambi e Flores da Cunha). Os dados obtidos foram analisados segundo metodologia laboviana e submetidos à análise estatística pelo programa VARBRUL. Descreveremos os resultados alcançados em duas dessas pesquisas por serem mais abrangentes, para fins comparativos.

3.1.1.1 Cabreira (1996)

Em sua dissertação, Cabreira (1996) descreve o fenômeno da monotongação de ditongos decrescentes nas três capitais da Região Sul, Porto Alegre (RS), Curitiba (PR) e Florianópolis (SC). Utilizando-se do banco de dados VARSUL, sua amostra é composta de 36 informantes, estratificados segundo as seguintes variáveis sociais constantes no Quadro 2. Os dados obtidos contaram com 483 monotongações do ditongo [ej], sobre um total de 1.512 dados, representando 32% de apagamento de *glide*; 46 apagamentos, para o [aj] sobre 1.037 dados, 4% e 1.168 monotongação do ditongo [ow] em 1.215 dados, representando 96 % da regra de supressão de *glide*.

⁴ Detalhes sobre a constituição do Projeto VARSUL podem ser vistos em BISOL, L.; MENON, O; TASCA, M. VARSUL, Um Banco de Dados. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C (Org.) *Anthony Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2008. p. 50-58.

Variáveis Sociais			
Idade	25 – 50 anos	Mais de 50 anos	
Escolaridade	primário	ginásio	2º grau
Sexo	feminino	masculino	
Variiedade Geográfica	Porto Alegre	Florianópolis	Curitiba

Quadro 2 – Variáveis Sociais do Trabalho de Cabreira (1996)

O fato da monotongação dos ditongos [ej] e [aj] ocorrer quase categoricamente em determinados contextos seguintes (fricativa palatal ou tepe), fez com que o pesquisador os agrupasse, refazendo sua análise para três variáveis, conforme podem ser vistas no Quadro 3.

1. Ditongos [ej] e [aj] seguidos de fricativa palatal
2. Ditongo [ej] seguido de tepe
3. Ditongo [ow]

Quadro 3 - Redefinição de Variáveis analisadas em Cabreira (1996)

Para o efeito deste estudo não consideraremos os resultados sobre sua análise do ditongo [ow], pois não haveria como compará-lo com o estudo de Amaral, que analisa apenas o ditongo [ey].

Para a análise dos ditongos [ey] e [ay] seguidos de fricativa palatal, o autor estabeleceu como variáveis lingüísticas os seguintes fatores:

Variáveis Linguísticas			
Sonoridade do elemento seguinte	surdo	sonoro	
Posição do elemento seguinte	heterossilábico	tautossilábico	
Tonicidade	tônico	átono	
Natureza morfológica	radical	sufixo de plural	outros sufixos
Vogal do ditongo	ej	aj	

Quadro 4 – Variáveis Linguísticas Analisadas para os Ditongos [ej] e [aj] seguidos de fricativa palatal, em Cabreira (2006)

Para o ditongo [ey] seguido de tepe, temos os grupos de fatores lingüísticos estão expostos no Quadro 5.

Variáveis Linguísticas		
Tonicidade	tônico	átono
Natureza morfológica	radical	sufixo

Quadro 5 – Variáveis Linguísticas Analisadas para [ej] seguido de tepe em Cabreira (2006)

A pesquisa de Cabreira apresentou os seguintes resultados para os fatores lingüísticos e sociais favorecedores da regra variável em estudo, expostos no Quadro 6 e 7.

Grupo de fatores	Fator favorecedor
Posição do elemento seguinte	heterossilábico
Tipo de ditongo	ej
Sexo	feminino
Variedade Geográfica	Florianópolis
Escolaridade	primário

Quadro 6 – Resultados Ditongos [ej] e [aj] em Cabreira (2006)

Grupo de fatores	Fator favorecedor
Natureza morfológica	radical
Escolaridade	primário
Sexo	feminino
Variedade Geográfica	Curitiba

Quadro 7 – Resultados Ditongos [ej] seguido de tepe em Cabreira (2006)

Como podemos observar, ao compararmos os resultados dessas duas análises, há diferenças entre os fatores favorecedores da monotongação entre os diferentes tipos de ditongos., evidenciando, pois, um comportamento distinto para os ditongos [ej] e [aj]. De antemão, observa-se também que os dois tipos de ditongos têm condicionamento lingüístico específico (seguidos por certos segmentos) para que a supressão de glide ocorra preferencialmente tepe, para o [ej] e palatal, para o [aj].

Além disso, observamos diferenças no papel da variável *Variedade Geográfica*. Para o “estudo sobre os ditongos [ey] e [ay] seguidos de fricativa palatal”, *Florianópolis* se mostrou como o fator mais favorecedor à regra; já no “estudo sobre o ditongo [ey] seguido de tepe”, *Curitiba* provou ser o fator que mais favorece a regra variável.

O fato de Cabreira agrupar os ditongos [ej] e [aj] em uma mesma análise, impede-nos de verificarmos se a seleção de variáveis nas duas análises é realmente diferente, já que tratam de ditongos e contextos diferentes. A estratégia analítica do pesquisador é intencional no caso de se verificar o papel de variáveis em determinados contextos. Por isso, podemos, talvez, dizer que, para os dois tipos de ditongos analisados, em termos de influência de aspectos

sociais no fenômeno estudado, a variável escolaridade *primário* (atual nível fundamental) e o sexo *feminino* são significativos para a regra de monotongação.

3.1.1.2 Amaral (2005)

Em sua pesquisa, Amaral (2005) descreve a variação do ditongo [ey] nas comunidades de fala de São Borja, Panambi e Flores da Cunha. Sua amostra é constituída de 42 informantes, estratificados segundo os fatores sociais expostos no Quadro 8.

Variáveis Sociais			
Idade	25 a 50 anos	Mais de 50 anos	
Escolaridade	primário	ginásio	2º grau
Variedade Geográfica	São Borja	Panambi	Flores da Cunha

Quadro 8 Variáveis Sociais do Trabalho de Amaral (2005)

Foram estabelecidas as seguintes variáveis linguísticas:

Variáveis ling.							
Classe de palavra	nome	verbo	Outra classe				
Contexto fonol. seguinte	tepe ou vibrante simples	fricativa palato-alveolar	coronal	dorsal	labial	antes de vogal	antes de pausa
Posição do ditongo	no radical	no sufixo					
Tonicid.	sílaba tônica	sílaba pretônica	sílaba postônica				

Quadro 9 - Variáveis Linguísticas Analisadas para o [ej] em Amaral (2005)

Os fatores que mais favorecem a regra variável estão apresentados abaixo, no Quadro 10.

Grupo de fatores	Fator favorecedor
Contexto fonológico seguinte	fricativa palato-alveolar/tepe
Idade	25 a 50 anos
Tonicidade	pretônica/postônica
Classe de palavra	não-verbo

Quadro 10 – Variáveis Significativas na Análise de [ej] em Amaral (2005)

Como vemos no quadro 10, dentre as variáveis sociais apenas *idade* (fator 25 a 50 anos) foi selecionada como relevante para aplicação da regra de redução de ditongos; nesse estudo os mais jovens aplicam a regra de forma mais significativa em relação aos mais velhos. Quanto às variáveis linguísticas, *contexto fonológico seguinte* (fatores *fricativa palato-alveolar* e *tepe*), *tonicidade* (*sílabas átonas*) e *classe de palavra* (*formas não-verbais*) se apresentam como fatores favorecedores à aplicação da regra variável em estudo. Podemos perceber que os contextos fonológicos mais significativos para o apagamento do *glide* palatal corroboram a descrição de Bisol (1994) dos ditongos leves (ou falsos), ambiente fonológico favorecedor para a variação.

A seguir procedemos à comparação entre os trabalhos de Cabreira (1996) e Amaral (2005) em busca de generalizações para os resultados sobre a regra variável de redução dos ditongos.

4. Generalização de Resultados

A análise empírica da variação em dados de fala contribuiu muito para os estudos sobre mudança das línguas na história da lingüística. A veracidade de dados pode finalmente ser atestada a partir de análises quantitativas realizadas por variacionistas, como William Labov e outros. Essas análises, em atendimento ao *Princípio de Explicabilidade* (Labov, 2008), oferecem dados numéricos que permitem implicações e inferências a partir de um levantamento exaustivo de casos em que um elemento variável ocorre de um total de ambientes em que este elemento variável poderia ter ocorrido, mas que não ocorreu.

A investigação de situações em variação faz-se também importante para a teoria lingüística quando revela algo sobre o sistema lingüístico. No caso dos ditongos decrescentes orais, o caráter variável desses elementos faz emergir uma diferença de nível de representação fonético e fonológico. Os ditongos são classificados como verdadeiros ou falsos por Bisol, que considera a forma invariante (*reitor*, *pauta*) como um autêntico ditongo fonológico, representado subjacentemente por duas vogais, enquanto a forma variante (*feira~fera*; *peixe~peixe*) representa um falso ditongo, por possuir uma só vogal na estrutura subjacente, formando-se o glide em um nível mais próximo à superfície. Nas palavras de Bisol (1994, p. 124), *é pois com o apoio que os dados reais nos oferecem* que o ditongo, diante de palatal ou vibrante simples, possui uma só vogal subjacente.

A importância dos dados é reconhecida para o estudo do sistema da língua. Por isso, um dos objetivos básicos da Sociolingüística Quantitativa é produzir resultados que podem ser generalizados no que diz respeito ao comportamento de uma extensa população. Para Baley e Tillery (2004), generalização implica em *veracidade*, que pode ser obtida quando há resultados semelhantes em observações repetidas do mesmo fenômeno, e em *intersubjetividade*, quando há o mesmo resultado para um mesmo fenômeno observado por diferentes pesquisadores.

Há, desde o surgimento do modelo de estudo da variável lingüística, diversas descrições que, em algumas vezes, podem ser divergentes, em termos de resultados por questões metodológicas utilizadas nas pesquisas. A raça do entrevistador, por exemplo, ou a presença de alguém na entrevista, pode provocar efeitos nos entrevistados que afetam os dados. A seleção da amostra e os meios de estratificação desta podem também acarretar diferenças de resultados, assim como as estratégias analíticas utilizadas em trabalhos sobre um mesmo fenômeno, segundo estudos de Baley e Tillery (*op. cit.*)

No caso dos ditongos, perguntamos: os resultados das pesquisas convergem ou divergem? É possível generalizar resultados? Examinemos a seguir os dados de Cabreira (2006) e o de Amaral (2005) de forma comparativa pelo Quadro 11.

	Cabreira (2006)	Amaral (2005)
Variáveis dependentes	[ey] e [ay] (análise 1), [ey] (análise 2) e [ow] (análise 3)	[ej]
Nº de informantes	36	42
Nº dados e de monotongação	[ey] 483/1.512 32% [ay] 46/1.037 4% [ow] 1.168/1.215 96%	[ey] 1.055/3.169 33%
Localidades	Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba	Flores da Cunha, Panambi e São Borja
Sexo	Masculino e Feminino	-----
Faixa Etária	25-50 anos Mais de 50 anos	25-50 anos Mais de 50 anos
Escolaridade	Primário, ginásio e 2º grau	Primário, ginásio e 2º grau
Variáveis Linguísticas	Contexto Seguinte; Sonoridade do Elemento Seguinte; Posição Silábica; Tonicidade; Natureza Morfológica; Vogal do Ditongo	Contexto Seguinte; Classe da Palavra; Posição do Ditongo; Tonicidade

Quadro 11 – Dados de Cabreira (1996) e de Amaral (2005) em confronto

As duas pesquisas trabalham com algumas variáveis iguais, como a análise de monotongação de [ej], as variáveis sociais *faixa etária*, *escolaridade* e as variáveis linguísticas *contexto seguinte*, *tonicidade* e *posição morfológica do ditongo* (natureza morfológica/posição do ditongo). Diferem em relação às cidades da amostra e às estratégias analíticas. Enquanto Cabreira analisa o ditongo em certos contextos específicos (seguido por tepe e por palatal), Amaral, em princípio, analisa outros contextos seguintes também, como alveolares, labiais e velares. Apesar dessa diferença, a autora reconhece, assim como Cabreira, que a monotongação do ditongo [ej] seguido de tepe (beira) e de palatal (feijão) é mais elevada do que em qualquer outro ambiente, com cerca de 90% de frequência. A monotongação em casos como *manteiga*, *passeio*, *treinador*, por exemplo, em que os contextos seguintes são velar, vogal e alveolar, respectivamente, foram muito baixos em ambos trabalhos. Por esse motivo, Cabreira, ao concluir que a variação está limitada a determinados contextos, abandona os demais. A restrição contextual para a monotongação parece se confirmar em trabalhos em outras regiões do Brasil, segundo Cabreira e Amaral.

Os resultados gerais, em termos de valores absolutos para a monotongação acontecer, são praticamente os mesmos nas duas pesquisas: 32% e 33%. Em relação às variáveis linguísticas, podemos ver, no Quadro 12, resultados do efeito favorecedor dessas para o ditongo [ej].

	Contexto Seguinte	Tonicidade	Morfologia do Ditongo
Cabreira (1996)			
Amaral (2005)			

Quadro 12 – Efeito de Variáveis Linguísticas na Monotongação de [ej]

O Contexto Seguinte teve o mesmo papel para as duas pesquisas, conforme já apontado anteriormente, assim como em todos os trabalhos sobre essa regra variável em outras localidades do Brasil, citados na seção 3.1 (Pereira, 2004; Carvalho, 2007; Lopes, 2002, etc.). Sem dúvida, conforme os dados das pesquisas, as consoantes palatais (peixe; beijo) e o tepe (feira) favorecem a monotongação do ditongo [ej]. Efeito similar da palatal ocorre sobre o ditongo [aj] (baixa), que concentra 96% de monotongação nesses contextos, conforme Cabreira (1996, p. 44)

A Tonicidade do Ditongo (tônico/beijo; átono/deixar) é saliente apenas nos dados de Amaral, que divide o contexto átono em pré-tônica e pós-tônica, sendo neste último o ambiente com maior peso relativo obtido.. Já os dados de Cabreira apontam resultado distinto. Apesar de atuação moderada, o ambiente tônico, exerceu maior papel do que o átono. Amaral aponta que essa variável tem apresentado comportamentos diversos em outras pesquisas (op. cit, p112).

A Morfologia do Ditongo (se faz parte do radical /feijão ou do sufixo /vendeis) tem papel bem definido somente em Cabreira. O fato de o ditongo estar no radical, como em *madeira*, por exemplo, favorece à monotongação. Já Amaral, analisa essa variável um pouco diferente do outro pesquisado, como classe da palavra que o ditongo pertence (verbo e não/verbo), mas observa que (op. cit, p.114) que a monotongação no verbo ocorre na base da palavra.

È sobre as variáveis sociais que encontramos mais resultados divergentes, apesar das pesquisas utilizarem, com exceção da localidade e do sexo, que Amaral não analisou, os mesmos fatores.

	Sexo	Faixa Etária	Escolaridade	Localidade
Cabreira (1996)				
Amaral (2005)	-----			

Quadro 13 – Efeito de Variáveis Sociais na Monotongação de [ej]

No Quadro 13, a Localidade em que ocorre mais monotongação é Curitiba, para Cabreira, apesar de não haver praticamente diferença de percentual de monotongação entre as três cidades examinadas. A Escolaridade *Primária* (primeiros quatro anos de estudo) foi significativa estatisticamente apenas para Cabreira. Para Amaral, apesar de essa variável não ter sido selecionada, os falantes com 2º grau concentraram mais monotongação. Resultado antagônico podemos observar também quanto à *Faixa Etária*., que foi selecionada apenas para Amaral, que obteve os mais jovens como os responsáveis pela utilização de monotongação, contrariamente á Cabreira, que obteve, diferença menos expressiva entre as idades, mas um valor maior entre os mais velhos. Já o Sexo *feminino* foi selecionado apenas para Cabreira. Amaral não trabalhou com essa variável

5. Conclusão

Os ditongos são reconhecidos como dois elementos sonoros em uma mesma sílaba. Têm sido descritos na literatura em termos fonéticos e fonológicos. Nos estudos variacionistas, tem chamado a atenção o caráter variável dos ditongos decrescentes orais (feira, caixa), que parecem assumir a monotongação em quase todos os dialetos do português brasileiro (feira.fera; baixo>baxo; couro>coro).

Na fala do sul do Brasil, há poucos trabalhos que descrevem os ditongos orais decrescentes. Análises de dados pelo Banco de dados VARSUL podem ser vistas em Bisol (1994), Cabreira (1996) e Amaral (2005), entre poucos outros. Há cidades desse Banco de Dados, em que não há descrição até o presente. Contudo os estudos realizados nessa região convergem em termos de variáveis lingüísticas favorecedoras. O contexto seguinte ao ditongo, palatal ou tepe, é o grande responsável pela monotongação.

Acreditamos que as diferenças entre alguns dos resultados de Cabreira (1996) e de Amaral (2005) devem-se às estratégias analíticas adotadas por cada pesquisador e não pela interação de diferentes variáveis lingüísticas que utilizam em seus trabalhos. Observamos maior divergência entre as variáveis sociais do que as lingüísticas em termos de peso relativo e não de frequência, o que pode ser indício de que os dados dessas duas pesquisas não divergem como mostra a seleção estatística obtida pelo programa computacional VARBRUL utilizado para análise de regra variável dos ditongos. Além disso, não há separação clara da análise dos diferentes ditongos nos trabalhos examinados, fato que justifica, em princípio a divergência encontrada nos fatores sociais, principalmente.

6. Referências Bibliográficas

- AMARAL, Marisa Porto do. Ditongos variáveis no sul do Brasil. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 40, nº 3, p. 101-116, 2005.
- AMORIM, Gustavo da Silveira. *A monotongação no falar social de Feira Nova (PE)*. Disponível em: <http://www.faintvisa.com.br/letras/a1.pdf>. Acesso em: 31 de março de 2010.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. Ditongação e Monotongação no Falar de Fortaleza. In: *Graphos* (João Pessoa), João Pessoa - PB, v. V, n. 1, p. 109-122, 2000.
- ARAÚJO, Maria Francisca Ribeiro de. *A alternância de [ej] ~ [e] no português falado em Caxias, MA*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- BALEY, G.; TILLERY J. Some Sources of Divergent Data. In *Sociolinguistics*. In: Fought, Carmen (ed). *Sociolinguistic Variation Critical Reflection*. 2004.
- BISOL, Leda. Ditongos Derivados. In: *D.E.L.T.A.*, SP, v. 10, p. 123-140, 1994.
- _____. O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual. In: *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 05, n. 2, p. 185-224, 1989.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda no açoriano catarinense. In: Leda Bisol; Gisela Collischonn. (Org.). *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2009, v. , p. 34-49.
- CABREIRA, Sílvia Henrique. A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 29, nº 4, p. 129-141, 1994.

- _____. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Paulistana, 2007. v. 1. 194 p.
- CARVALHO, Solange Carlos de. *Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala do Recife*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- LABOV, William. Quantitative Reasoning in Linguistics. *Linguistics* 563, January 22, 2208. 24 p.
- LOPES, Raquel. *A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.
- PEREIRA, Gerusa. *Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004.
- SLOAT, Clarence *et al* . *Introduct to Phonology*. Prentice-Hall, Inc, Englewood Cliffs, N. J., 1978.
- TASCA, Maria. Inserção de glide em sílaba travada por /S/. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 40, nº 141, p. 137-162, 2005.